

Glosa Visual #2: Visitando o passado colonial da FBAUP

Por Tiago Barbedo Assis

(i2ADS-FBAUP)



Escultura oculta entre as pedras dos jardins da Faculdade de Belas Artes, observada durante a caminhada.

A visita ao lugar da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP) com o grupo Ecologies of Care iniciou-se pela entrada do edifício central. No átrio principal, perante as duas réplicas do “escravo rebelde” de Miguel Ângelo, procuramos lançar um enquadramento pós-colonial para o passeio pelos jardins da FBAUP. Este enquadramento tem sido muito impulsionado por estudantes, na última década. Na sua maioria são imigrantes, principalmente do Brasil, que provocaram nas aulas e em conferências, acesas discussões a partir de lentes e referências críticas, pouco usadas até então na FBAUP. Essa crítica e olhar contra-hegemónica começou a ser sistematizada no Fórum Cultura|Cidade Um Direito e também pelo Grupo de Práticas Anti-Discriminatórias.

Para nós, passear hoje no lugar da FBAUP implica desenterramos o passado sombrio, do seu palacete burguês do séc. XIX e do seu jardim cheio de espécies exóticas. Foi em 1861 que António Ribeiro Fernandes Forbes, um brasileiro de torna-viagem, comprou um loteamento, adjacente à Rua de S. Vitor e à Rua do Reimão (hoje, Avenida Rodrigues de Freitas). Brasileiros de torna-viagem, foram portugueses emigrantes no Brasil no séc. XIX e início do séc. XX, que regressaram a Portugal abastados, muitas vezes com fortunas ligadas a negócios extractivistas e à escravatura.







Jardins da
Faculdade de
Belas Artes da
Universidade do
Porto.



Forbes, junto com a sua mulher, Maria do Carmo Calazans Rodrigues, começaram por edificar o espaço e o respectivo jardim. O edifício viria a ser conhecido como Palacete Braguinha, pois pertenceu mais tarde a outro torna-viagem, José Teixeira da Silva Braga. O seu herdeiro, José Braga Júnior, foi Vice-cônsul do Brasil no Porto e na altura contratou o arquitecto paisagista belga, Florent Claes, para a construção do jardim.

Habitado a trabalhar com espécies da América do Sul, Florent Claes desenhou este jardim e contribuiu com intervenções no jardim do Palácio de Cristal que viria a receber em 1934, a Exposição Colonial Portuguesa. Embora do trabalho de Florent Claes hoje só restem vestígios, é perceptível como estes jardins pertencem e constituem um imaginário e discurso colonial.

Uma forma de organizar, classificar e ordenar espécies, de aliená-las dos seus próprios locais e deslocá-las para um território, como forma de engrandecer esse mesmo feito. Beleza e assombro constituem esta heterodistopia que perpetua uma estrutura de opressão sobre corpos que partilham de uma ancestralidade de alienações e deslocamentos terríveis e que ressoam neste jardim.

Precisamente por isso, o lugar da FBAUP é em si mesmo um ponto de partida para uma análise dessa discursividade por parte de estudantes que procuram uma crítica reparativa e restitutiva. Estudantes atravessam diariamente este jardim pelo meio dos ecos coloniais da vegetação e edifícios, pelo meio de esculturas feitas sobretudo por homens brancos, pelas aulas que insistentemente reproduzem a história hegemónica. Acrescenta-se a tudo isto mais efeitos das colonialidades presentes na Universidade do Porto, como o pagamento de propinas mais elevadas para estudantes brasileiros do que aos portugueses.

A partir deste contexto, a visita das *Ecologies of Care* a este lugar deixa-nos também com novas inquietações:

O que significa cuidar deste jardim, cuidar do edificado e infraestrutura da FBAUP, cuidar da história, dos cursos e das matérias leccionadas neste lugar? Em suma, o que significa uma ecologia do cuidado na FBAUP?